



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8129 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação

RESISTINDO PARA (RE)EXISTIR: SOBRE MEMÓRIAS E IDENTIDADES TRANS NAS EXPERIÊNCIAS E NARRATIVAS COM A ESCOLA

Bruno Rodrigues Ganem - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

RESISTINDO PARA (RE)EXISTIR: SOBRE MEMÓRIAS E IDENTIDADES TRANS NAS EXPERIÊNCIAS E NARRATIVAS COM A ESCOLA

A experiência como professor de Artes Cênicas numa Escola Municipal da cidade do Rio de Janeiro trouxe a oportunidade de ser professor de uma aluna transexual. Jéssica, como era chamada, buscava diariamente afirmar sua identidade naquele espaço por tantas vezes preconceituoso e desigual. Dificuldades com seu nome social e o uso do banheiro revelavam uma escola produtora da expulsão (BENTO, 2011), marcando dia a dia as narrativas da aluna, suas experiências e desmemórias: um campo de disputas, enfrentamentos e resistências. Numa rotina massivamente *cis*normativa, binária e violenta, ela foi expulsa sem concluir seus estudos; uma negação de sua presença potencializada pelas funções de controle (CÉSAR, 2004) e governamento (VEIGA-NETO, 2007) de seu corpo.

Os dias com Jéssica e tudo o que deles vivenciamos juntos fizeram emergir a proposta de aprender, conhecer e investigar as trajetórias de 6 pessoas trans na relação com suas escolas e a expulsão a que são forçosamente submetidas; procurando compreender como elas acontecem como objetivo maior da pesquisa aqui apresentada. De que forma a instituição escolar, através de um *cistema* educacional que interdita corpos e diferenças, é percebida por esses alunos e alunas? Como suas presenças contribuem para a desconstrução de práticas *cisheteronormativas*? Como ressignificam suas trajetórias? A transsexualidade na educação inaugurando um campo de disputas protagonizado por essas vidas; com possibilidades outras de disputas e (re)existências.

A utilização da conversa como resgate das memórias com a escola foi a escolha metodológica, conduzindo a escrita e promovendo uma reflexão sobre as experiências dessa população com a educação, com os seus cotidianos, estranhando o já conhecido, o dado por certo, experienciando o conversar também enquanto e quando pesquisamos (RIBEIRO, SOUZA, SANCHES, 2018), buscando compartilhar trajetórias com quem se vai produzindo a pesquisa e que se tornam também narradoras e parceiras na pronúncia do mundo (SERPA, 2018). Ao desnaturalizar as concepções fixas sobre corpos e sujeitos, a metodologia refletiu sobre os modos pelos quais alguns corpos são produzidos como normais à custa da constituição de outros como anormais (MISKOLCI, 2007). Tais vivências em resistência pelos espaços da escola foram fundamentais no processo de construção do conhecimento a partir da escuta ativa e percepção de cada encontro.

Para Butler (2003), as identidades podem ser significadas e ressignificadas ao longo da vida: a respeito das interpelações e discursos de ódio que constroem as pessoas a autora defende uma ressignificação desses discursos que patologizam tudo que está fora da heterossexualidade. É preciso que cada vez mais nos perguntemos como se produzem as diferenças e que efeitos elas têm sobre os sujeitos (LOURO, 2014), aprendendo com suas trajetórias, com aquilo que ficou para trás, que se perdeu com a opressão e com a violência (JESUS, 2016). Como podem existir para além da objetificação de seus corpos e o desrespeito a eles cotidianamente desferidos?

Apontamentos importantes nesse estudo trouxeram à tona as discussões e análises das questões por que atravessam a população trans em seus cotidianos escolares, e de que forma enfrentam rotinas de intolerância e não aceitação da diferença. À luz de suas percepções sobre o universo escolar a partir da perspectiva singular que ocupam neste espaço, nos interpelamos enquanto educadores sobre o que temos feito para combater tal contexto de grande violência (AMARO, 2017). Buscou-se também compreender quais outras formas, que não a expulsão, são vivenciadas no dia a dia dessas alunas e alunos; que possibilidades outras tem a escola oferecido para a desconstrução da lógica exclusão/vulnerabilidade/violência a que essas pessoas são submetidas.

Como espaços de reiteração das (cis)heteronormas, as escolas demarcam e diferenciam as identidades trans que, em constantes conflitos, acabam por assujeitar-se cotidianamente. Precarizadas e em condições abjetas, disputam suas existências com os diversos sujeitos da escola na medida em que interagem com ela. Suas experiências em meio às relações de poder no sistema educacional são estigmatizadas por enquadramentos que as tornam menos vivíveis. Existências que, em ordem de resistência, lutam por (re)existências: existem outra vez por suas experiências ressignificadas.

A pesquisa atentou para a necessidade da mobilização de escolas e educadores na luta contra as violências às identidades trans, assumindo posturas combativas diante de contextos demasiado transfóbicos. É urgente lutar por transformações que possam garantir o acesso e permanência aos espaços formais de educação desconstruindo um sistema de poder que é impeditivo dessa ascensão. Para além, é fundamental percebermos que uma história de educação informal dessa população já se faz presente desde há muito. Como população tão estigmatizada e sem direitos foi também nas ruas e nos movimentos sociais que essas pessoas elaboraram e construíram seus conhecimentos, estratégias e saberes.

Uma educação que por muito tempo esteve na base dessas identidades e que não conta com registros específicos dessa história. Para Jesus (2016) o grande desafio da educação hoje é saber que existem múltiplas fontes de conhecimento, com as quais podemos aprender independentemente de estarmos no espaço físico da instituição. Em *Travessia: caminhos da população trans na história*, a autora declara: “Mas cá chegamos. Este capítulo é um ato de resistência, sobreviveu à depressão, ao desprezo, ao ódio e ao cansaço, e eu ofereço para que você multiplique a mensagem e quebre o silêncio: nós, população trans, temos uma história” (JESUS, 2018, p. 380).

É por suas vidas, escritas e resistências que chegamos até aqui.

É por elas e é com elas.

É para elas...

Palavras-chave: transexualidade, educação, resistência, escola

REFERÊNCIAS

AMARO, Ivan. *Para discutir (ainda mais) gênero e sexualidade na escola: políticas e práticas de resistências*. Revista Periferia Educação, Cultura e Comunicação v.9 n.2 jul-dez 2017

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Editora Record, 2003.

BENTO, Berenice. *Na escola se aprende que a diferença faz a diferença*. Estudos Feministas, p. 549-559, 2011.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. *Da escola disciplinar à pedagogia do controle*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

DE JESUS, Jaqueline Gomes. *Travessia: caminhos da população trans na história*. In.: GREEN, James N.; QUINTANILHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa. *História do movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018.

DE JESUS, Jaqueline Gomes. *As guerras de pensamento não ocorrerão nas iniversidades*. In: COLLING, Leandro (org.) *Dissidências sexuais e de gênero*. EDUFBA, 2016

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: vozes, 2014.

MISKOLCI, Richard. *A Teoria Queer e a Questão das Diferenças: por uma analítica da normalização*. In: *Congresso de leitura do Brasil*. 2007. p. 1-19.

RIBEIRO, SOUZA, SANCHES; *Conversas como metodologia de pesquisa por que não?* Rio de Janeiro: Ayvu, 2018

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a Educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.